

JORNAL DO COMMERCIO

PROPRIEDADE DE J. S. CASCAES & C.

ASSIGNATURA

Trimestre (capital)..... 3\$000
> (pelo correio)..... 4\$000

Avulso 40 rs.

As assignaturas poderão começar em qualquer tempo, mas terminam sempre em março, junho, setembro ou dezembro.

ANNO II

SANTA CATHARINA—Desterro, 24 de Março de 1881

Num. 63

Amanhã não pode ser publicado o *Jornal do Commercio*, pela escassez de operarios.

Em consequencia de amanhã ser dia sanctificado não sahirá, sabbado, esta folha.

No estabelecimento commercial do Sr. Henrique Veiga, á rua da Princeza, em frente da estação dos bonds, achar-se-ha á venda, todos os dias, das 7 horas da manhã em diante, o *Jornal do Commercio*, a 40 rs.

O CZAR

A respeito da morte do Imperador da Russia diz a *Gazeta de Noticias* de 14 do corrente:

Alexandro II, czar das Russias, acaba de ser assassinado.

Desde muito espalhara-se pelo mundo o pregão de sua morte. O tribunal que o condemnou funciona nas trevas e só annuncia os seus aresos na hora da execução dos sentenciados.

Devia ser no dia dois de março do anno passado, quando o czar commemorou o vigesimo quinto anniversario da sua ascensão ao throno.

Os nihilistas tinham marcado o dia; a policia, porém, conseguiu salvar a vida do soberano.

As festas celebradas então pareciam assegurar ao czar a maior popularidade. De par com as bandas de musica que tocavam o hino « Deus proteja o czar » ouvia-se o brado de mais de cem mil homens que soltavam vivas entusiastas « ao nosso paisinho. »

O dia era triste, fundia a neve, desencadeou-se um tufão medonho. O povo patinhava, atropellava-se; mas, êbrio de jubilo, delirante, corria pelas ruas onde havia coretos com os retratos do czar e da czarina, affluia aos jardins do palacio.

No dia seguinte, um ex-professor do príncipe herdeiro apontou o revolver para o governador de S. Petersburgo.

O aggressor foi preso. O governador deu-lhe uma bofetada e depois foi a palacio dizer o que tinha feito.

O czar riu-se.

Tinha confiança em si. Respondia ás ameaças do nihilismo com uma energia digna da sua familia.

A força, o fuzilamento, o desterro respondam ao punhal, á explosão, ás mutilações. Era um duello medonho, entre longos seculos de poderio e de dôres.

A energia encontrava a energia; a pertinacia, a pertinacia. De ambos os lados a coragem para o sacrificio.

Donzellas nihilistas deixam-se prender e martyrisar silenciosas. Offerecem o collo, as costas virgens ao latego; mas fazem dos labios roseos um cofre sagrado ao segredo da sua associação.

Por outro lado o czar não se deixa vencer. Nem as lagrimas da czarina moribunda, nem o rumor de que o filho, o seu herdeiro, quer as reformas pedidas, nem a perspectiva da morte do domovem.

Do desenlace é hoje apenas conhecida uma feição.

Todavia o problema russo parece não estar resolvido com o assassinato do czar.

FOLHETIM

38

JULIO SANDEAU

MAGDALENA

VERSÃO

DE

ALFREDO CAMPOS

IX

Começou-se por se desguarnecerem muitos castellos da provincia, a fim de se ornarem segundo o gosto pariziense. A noqueira, o carvalho e a pereira, torneadas por mãos habéis, enganaram felizmente mais d'um conhecedor e enriqueceram alguns artistas privilegiados.

Maurício, por intermedio de Pedro Marceau, achou-se, em breve, encarregado de trabalhos importantes, e pôde, em poucos mezes, se não espalhar em volta d'elle a abundancia e o bem-estar, pelo menos collocar-se ao abrigo da necessidade com as duas criaturas confiadas á sua guarda. Era a pobreza, mas a pobreza la-

boriosa, que nada deve, sem remorsos pelo dia de hontem, sem cuidados pelo de amanhã, pobreza com vezes preferivel ao luxo ficticio e tormentoso, no meio do qual vivera Mauricio. Verdade é que o nosso heroe não parecia verdadeiramente tocado nem verdadeiramente convencido das vantagens da sua nova posição. Resignava-se com a sorte, mas detestando-o; trabalhava, mas amaldiçoando o trabalho. Quantas vezes, nos primeiros tempos, não sentiu enfraquecida a coragem e vacillante a vontade! Quantas vezes, entregando-se a arrebatamentos sem nome, e até em presença de Magdalena, elle não arremessou colericamente ao chão os utensilios do trabalho, e não calcou aos pés a obra que havia começado, como se ignorasse que a graça duplica o premio do sacrificio, e que a maior dedicação precisa ser acompanhada d'um sorriso! Mauricio era temível n'esses momentos. Magdalena olhava-o, então, com tristeza, e, depois, quando o desgraçado cahia no leito, fatigado e como que succumbido, ella corria a enxugar-

lhe o suor da fronte, muito feliz, quando não acontecia que elle a despedisse bruscamente.

Era o orgulho, e sómente o orgulho, o que o aguilhoava e sustentava na lucta que emprehendera. Além d'isto, o que desejava era nada dever a sua prima. Era-lhe penosa a idéa de que ella trabalhara e tudo vendera, para cuidar d'elle. E dizia consigo que, quanto mais cedo assegurasse a existencia de Magdalena, mais cedo recuperaria a sua liberdade. O suicidio velava á sua cabeceira, não como espectro ameaçador, mas como o archanjo do livramento.

Ha, entretanto, uma alegria, ignorada d'aquelles a quem a vida custa apenas o trabalho de nascer, e que Mauricio experimentou tanto mais vivamente, quanto não ia prevendo, não podia furtar-se a ella. Fallo da alegria, em verdade, pueril, mas em todo o caso inebriante, que o homem experimenta ao ver na mão o primeiro dinheiro ganho pelo seu trabalho, alegria que traduz a consciencia do nosso valor pessoal.

A riqueza criada pelo trabalho não é a mais legitima de todas as riquezas, aquella de que o homem deve mais justamente orgulhar-se?

O herdeiro que conta o seu ouro a mãos cheias, é menos rico aos olhos de Deus que o artista que recebe o seu salario.

Estas reflexões estavam longe do espirito de Mauricio, mas quando viu sobre o banco do trabalho os escudos que Pedro Marceau recebera para lhe entregar, tomou-os, um a um, e examinou-os com expressão de curiosidade infantil. Dir-se-ia um avarento que via o dinheiro pela primeira vez. Por um impulso sincero, digno dos melhores dias da sua mocidade, correu alegremente para levar triumphante aquellas primicias a Magdalena. Estava contentissimo! Parecia ter vinte annos! Ah! mas ainda não tinha chegado á porta do quarto de sua prima e já considerava uma tolice o contentamento, que acabava de experimentar, e loucura o sentimento que o impellira alli.

O nihilismo, mysterioso e sanguinario, não é partido que se contente com tão pouco.

Tudo faz crer que um dilúvio de sangue vai inundar o grande imperio.

Seria o futuro czar connivente com o nihilismo, como muitos pretendem?

N'este caso effectuará, de posse do throno, todas as reformas reclamadas pelos mais moderados do partido? Effectuando estas, não terá de lutar contra os privilegios seculares que vão ser mortalmente feridos?

Por outro lado o nihilismo exaltado se resignará a tirar tão pequeno proveito da victoria?

E' corrente que o partido tem como divisa: «passou a epocha dos reis e é tempo de fazer chegar a dos povos.»

Para esse advento o nihilismo propõe-se a desenvolver a arraigada organização communal, que foi em todos os tempos a barreira inquebrantavel opposta ao despotismo, e assim abalar a sociedade russa em todos os seus fundamentos.

A morte do czar, portanto, será para o nihilismo exaltado apenas um estímulo: o prologo ensanguentado de uma tragedia tremenda, representada n'um scenario de ruínas, allumiada pelas labaredas de incendios de cidades inteiras.

O attentado afigura-se-nos apenas uma reticencia lugubre... O periodo sanguinolento deve continuar cada vez mais pavoroso.

Não tratamos agora de julgar a propaganda e resistencia sinistras que tiveram como arma do convencimento o assassinato; arma que foi manejada de lado a lado.

Entretanto, sejam quaes forem os erros commettidos pelo czar, a historia não lhe poderá negar alguns bons serviços á Russia e á humanidade.

Bastará recordar, e este é o melhor titulo de seu reinado, que elle concluiu a emancipação dos servos da gleba: deu patria, familia, direito, propriedade a milhares e milhares de familia e a vinte milhões de individuos, que eram tratados como cães vadios, vendidos como vil mercadoria; restituiu-lhes a dignidade de homens.

Em consequencia da noticia da morte do imperador da Russia não houve hontem espectáculo de grande gala no imperial theatro Pedro, II, por assim o haver determinado S. M. o Imperador.

Todos os membros das legações e consules estrangeiros n'esta cõrte dirigiram-se hontem ao hotel de estrangeiros, affim de apresentarem seus sentimentos ao sr. conde Koskull, ministro da Russia.

Da parte de S. M. o Imperador foi encarregado de dar-lhe os pesames o sr. conselheiro Pedro Luiz, ministro de estrangeiros.

ALEXANDRE II

O *Cruzeiro* de 15 do corrente exprime-se da seguinte forma sobre a morte de Czar:

Este horroroso crime é um dos actos mais insensatos que a historia mencionará.

Nada neste mundo justifica o desforço pela violencia, mas nem mesmo uma compensação moral pôde apparecer para os assassinos de Alexandre II. Bom, humano, dedicado a seu povo, tendo encontrado a nação prostrada pela guerra estrangeira e pelo dominio absoluto de seu antecessor, deu-lhe a liberdade dos servos, deu-lhe as liberdades locais, restituiu-lhe a mais elevada influencia no exterior, e engrandeceu o imperio, consolidando as annexações dos reinados anteriores.

Que significação pôde ter este attentado? Nem a libertação da nação, nem um desforço pessoal, pois a Russia é provavel que se levantasse em peso contra os assassinos de seu bemfeitor, e nunca este usou de sua autoridade para uma vingança propria. Ha destes delirios na historia, mas são delirios fataes que fazem retroceder as nações, e adiam por muitos annos a aquisição das liberdades praticas.

Diante da sciencia, da consciencia collectiva, do espirito equitativo de nosso seculo, um assassinato de rei, não é uma solução, é um absurdo horroroso, que só pôde partir da ignorancia cega ou da ferocidade instinctiva. As nações progredem pelo aperfeiçoamento moral, pelo concurso das vontades generosas, pela mutua dedicação dos governantes e dos povos. Querer forçar a logica da historia com uma bala explosiva, pôde ser a idéa de um louco feroz, mas encontrará sempre a reprovação geral e o desprezo mais terrivel das intelligencias elevadas e dos nobres corações.

Na secção competente publicamos um convite do sr. engenheiro Polydoro de S. Thyago aos possuidores de titulos da empresa catharinense de carris urbanos e aos commerciantes d'esta capital para se reunirem amanhã, ás 11 horas do dia, no *Club Terpsychore*, affim de organizar-se uma companhia.

Depois da nossa reclamação e das promptas e energicas providencias dadas pelo digno sr. presidente da camara municipal, desappareceram, segundo nos dizem, os vendedores de carne verde—especuladores sem consciencia que tentavam fazer fortuna em detrimento da saude publica.

A especulação, porém, attenta a boa vontade e zelo do sr. presidente da camara, sahio-lhes cara, o que não lhes dará desejos de tão cedo metterem-se em empresas tão arriscadas.

A 11 de Janeiro estreou-se perante o publico de New-York o menino artista Mauricio Dengremont, com o mais completo successo. Na noite de sua estréa, na magnifica

sala de concertos dos Srs. Kosten & Bial, á rua 23ª no meio da sociedade escolhida que a enchia, attrahida pela transcripção que o *World* fizera da opinião da imprensa da Allemanha ácerca do nosso artista, estava presente toda a colonia brasileira, então temporariamente augmentada com os Srs. chefe de divisão Arthur Silveira da Motta e capitão Luiz Saldanha da Gama. Nessa noite vinte e um brasileiros encheram-se de ufania ao presenciarem o applauso estrepitoso e os chamados incessantes que recebeu Mauricio Dengremont do publico, de ordinario pouco entusiasta deste culto emporio americano.

Por tres semanas tocou todas as noites na mesma sala o nosso compatriota, diante de um auditorio cada vez mais numeroso e sympathico.

Ante-hontem, na Steinway Hall, a mais vasta sala de concertos de New-York, teve o artista brasileiro um verdadeiro triumpho. A Symphony Society, de New-York, composta de 100 professores e que tem como seu regente o dr. Leopold Damrosch, rival do conhecido Theodoro Thomaz, tendo de dar o seu ultimo concerto, convidou Mauricio Dengremont para tocar o sólo desse concerto. A peça escolhida foi o concerto de Mendelshn para violino. Aqui preferimos copiar um trecho da noticia editorial do *Herald* de hontem:

«Para um menino de 16 annos, o assumir a parte principal na presença de uma companhia de professores de tamanho merito, foi uma empreza ousada e uma das provas mais severas a que os seus talentos podiam ser postos. Ver aquella figura de criança, erecta no proscenio, ao lado do vulto veneravel do dr. Damrosch e um cento de professores distinctos, grupados no segundo plano á espera do signal do menino solista, foi um espectáculo estranho. Mas, força é confessar, depois de cuidadoso juizo, ainda depois de levar-se em conta quanto deve ser levado em conta, que o posto proeminente era merecido. De sob os dedos daquella criança as notas brotavam com a potencia e a riqueza de tonalidade que muitos artistas com o triplo da idade de Dengremont nunca excederam.»

As outras grandes folhas diarias não foram menos encomiasticas, e, como ainda diz o *Herald*, o menino Dengremont é a maravilha do dia. A audiencia presente em Steinway Hall, innegavelmente a mais difficil de contentar em assumptos musicas, foi tão estrepitosa em seus applausos, que, contra os estylos da Symphony Society, o menino artista teve de acudir a nove chamados á scena, e depois de um *nocturno* de Chopin foi obrigado a executar terceira peça. O Dr. Damrosch e a orchestra inteira tomaram parte ovação que tocou a um extremo raramente visto nos theatros e salas de concerto deste paiz.

O pai e o empregario, que acompanham o nosso artista, estavam atarefados em organizar um itinerario que pudesse satisfazer pelo menos metade dos convites que têm recebido de todas as cidades mais importantes da União e acreditam que lhes é impossivel aceitar metade dos contratos que já lhes foram offerecidos. De Boston a S. Francisco vai a criança admiravel honrar com os seus triumphos o nome brasileiro e a terra abençoada que a Providencia fadou para berço de taes prodigios.

E é um prazer ver quanto elle se orgulha da sua nacionalidade; aos jornaes que annunciam-lhe o nome como *Maurice*, tem mandado pedir que o chamem *Mauricio*; ao consul de França, que ha dias o foi cumprimentar, depois de um concerto, e que, sabendo da re-

clamação feita aos jornaes, disse-lhe por graço que o reclamava para sua patria, á vista do seu nome de familia, respondeu sorrindo que «a patria não está no nome, está no coração», pelo que recebeu de outro consul, que acompanhara o collega, o mais apertado abraço que dous brazileiros podem dar, lembrando-se de sua terra, ausentes della.

O Sr. Henrique Silveira da Veiga acaba de abrir, á rua da Princeza em frente á estação dos bonds, um negocio de seccos e molhados, perfeitamente montado.

E' de esperar que o publico não deixará de prestar o seu auxilio ao nosso patricio.

Na mesma casa achar-se-ha á venda, todos os dias, das 7 horas da manhã em diante, o *Jornal do Commercio*.

Ao publico. — Competentemente autorisado, previno que é falso comprar, ou mandar fazer roupas por medida mais barato do que se vende na *alfaiataria do bom gosto* e levarei perante os tribunaes qualquer pessoa que se arroje a dizer o contrario.—*Guelpho Zanirati*.

Ismail Pachá, ex-Khediva do Egypto, acaba de, pela segunda vez, pedir ao Sultão permissão para voltar a Canstantinopla com sua familia.

Acaba de fallecer em Mawdaley, Inglaterra um individuo por nome Pedro Lathone, deixando a bagatela de 570,000 libras sterlingas a 13 villas daquelle paiz, onde elle nos seus principios exerceu o industrioso officio de mendigo.

Um homem casado, enfasiado da vida, enforcou-se n'uma ameixeira em sua chacara. Dias depois uma vizinha pede uma planta desta arvore por gostar da fructa que ella continha.

Em Nova-York succedeu ultimamente um terrivel drama.

O Sr. Blanc vivia com sua esposa em Marselha, passando as maiores privações por causa de um accidente que lhes arruinára a fortuna.

Um dia, resolveram embarcar para a America, esperançados em que ali se lhes deparassem meios de subsistencia, graças aos conhecimentos musicaes de que elle dispunha.

Já em Nova-York, tiverão um filho, e, com as lições que o Sr. Blanc dava, ião levando a vida. Ali a Sr^a. Blanc participou a seu marido que, para augmentar os recursos domesticos, se sentia disposta a fazer parte de uma companhia de opereta; ao cabo de algumas hesitações, o marido consentio na escripturação de sua mulher, não sem bastante hesitação.

Passados tempos, ella annunciou-lhe que a companhia estava em preparativos de jornada para a Philadelphia, onde era obrigada a ir tambem. O sr. Blanc censurou sua esposa por querer abandonal-o, a mulher insistio, e já tinha determinado partir no outro dia, quando o sr. Blanc recebeu uma carta subscriptada para ella. Abrindo-a, vio pelo conteúdo, que sua mulher mantinha relações criminosas com o barytono da companhia.

O marido occultou a sua commoção. O dia finalisou, reinando a melhor das harmonias entre os esposos; a noite, porém, quando já todos estavam deitados, ouviram-se tres tiros.

A vizinhança acudio, arrombou-lhes a porta da alcova e encontrou sobre um leito o

Sr. Blanc, sua mulhor e seu filho banhados em sangue.

O marido, tendo assassinado a mulher e filho, suicidara-se.

Na rua Jacob n. 41, em Pariz, deu-se ultimamente um drama horrivel. Vivia na dita casa a familia Cabilier, que empregava-se no serviço de portaria. Havia alguns mezes, o Sr Cubilier parecia estar entregue a sérias preocupações. Sua irritabilidade extrema dava logar a scenas desagradaveis entre elle e seus locatarios.

Na tarde de um destes ultimos dias, o Sr. Poulin descia as escadas, quando ao chegar perto da porta, ouviu um estampido e o desgraçado moço cahiu ferido no peito, por uma descarga de chumbo.

Aos gritos da victima, accodem os visinhos, Madame Dros, moradora no n. 44, e que descia a mesma escada, seguida pelo sr. Jacotin, que morava no n. 43, e seu criado Eugenio Martin, de idade de 17 annos, chegarão ao mesmo tempo junto á victima ensanguentada. Ouve-se novo estampido e o grupo alli formado recebe os projectis. Madame Dros fica ferida no braço esquerda, o sr. Jacotin no peito e seu criado na perna.

O barulho attrahio muitos curiosos. Algumas pessoas corajosas, ajudadas por policiaes, tentarão penetrar no aposento de Cubilier mas a acharão entrincheirado. Veio um seras lheiro, e deitou abaixo a porta.

Cubilier estava no meio de um lago de sangue, com o coração trespassado por um punhal.

Qualquer homem que precisar vestir-se muito bem e de fazenda muito fina por pouco dinheiro, o maior favor que se lhe pode fazer é inculcar-lhe a *Alfaiataria de Bom Gosto*.

POLICIA

Dia 21:—Forão presos, á ordem de sr. subdelegado do 1º districto, Pedro Felix, Matheus Pereira da Silva, e a corrientina Francisca Dolôres, todos por embriaguez.

Dia 22:—Forão presos, á ordem do sr. delegado de policia, a preta Catharina Gonçalves, por embriaguez, é á ordem do sr. subdelegado do 1º districto, o portuguez João de Carres e o allemão Henrique de tal, por embriaguez e desordem.

Forão soltos Pedro Felix, Matheus Pereira da Silva e Maria Dolôres.

Forão presos no Araranguá pela força alli destacada, o criminoso de morte, pronunciado no termo da Laguna em 1865, Candido Lourenço Borges, e á requisição do dr. chefe de policia do Rio Grande do Sul, o desertor do respectivo corpo policial, Pedro Lourenço Borges.

VARIEDADE

A CAPA DO RUSSO

Versão livre

DE

FULVIO CORIOLANI

XII

Akakii foi atirado á valla commum do cemiterio, imbrulhado n'um lençol, e a grande cidade continuou a viver como si elle nunca tivesse existido.

Assim morreu um homem, que nunca teve protecção, nunca teve amigos, e nunca inspirou sympathias; que supportou sempre com resignação as zombarias dos felizes, e que fez a viagem da vida sem ter ao menos

quem derramasse uma lagryma de saudade

Alguns dias depois da sua entrevista com o general, e como tivesse desaparecido, o chefe mandou-lhe ordem para apresentar-se na repartição.

O impregado regressou dizendo que Akakii não voltaria mais.

—Porque?—perguntaram.

—Porque morreu ha quatro dias.

Foi assim que os impregados souberam da sua morte.

No dia seguinte o logar de Akakii estava occupado por um novo funcionario mais forte e mais robusto, que nunca se-deu ao trabalho de tirar copias com letra bonita.

Naturalmente devia terminar aqui a historia, mas estava escripto que o conselheiro devia fazer mais barulho depois de morto do que emquanto vivo.

Intramos agora no phantastico.

Espalhou-se em S. Petersburgo a noticia de que á noite apparecia perto de Kalinka um phantasma com o uniforme de impregado de chancellaria, procurando um manto roubado, e que, sem o menor respeito, ia roubando os mantos dos transeuntes.

Um dos collegas do conselheiro viu o phantasma e reconheceu Akakii.

A policia poz-se em movimento para obstar a que continuassem os roubos, que resfriavam as costas não só dos conselheiros-titulares, como dos conselheiros d'estado e de todos os conselheiros. Mas tudo foi inutil.

Uma noite um boudotchnik agarrou o phantasma no momento em que ia sendo victima o manto de um musico.

Chamou dous companheiros e intregou-lhes o prisioneiro em quanto tomava uma pitada para aquecer o nariz.

O tabaco era de tal natureza, que nem mesmo um defunto podia supportar o cheiro. Assim foi que o prisioneiro, apenas aberta a caixa, espirrou com tanta força, que o pé espalhou-se, intrando pelos olhos dos guardas.

Emquanto os tres, quasi cegos, esfregavam as palpebras, o phantasma desapareceu.

Desde essa occasião os boudotchniks conceberam um tal horror aos mortos, que nem mesmo ousavam fallar de perto aos vivos.

As depredações nocturnas continuaram e o terror apoderou-se do quarteirão de Kalinka.

Torna-se necessario voltarmos ao general, causa da nossa phantastica mas veridica historia. Façamos-lhe justiça: o homem, depois que Akakii sahiu, sentiu-se commovido. O coração era bom, mas a vaidade fazia-o máo.

Quando o amigo o-deixou, o seu pensamento voltou-se para o conselheiro, a quem via sempre curvado, humilde e com as lagrymas nos olhos. Esta imagem perseguiu-o tanto, que um dia mandou um de seus impregados procurar Akakii para dizer-lhe que estava prompto a fazer tudo quanto possivel fôsse para soccorrel-o.

Quando o mensageiro voltou, annunciando-lhe a morte do pobre conselheiro, sentiu o general o farpão do remorso ferir-lhe a consciencia e esteve todo o dia pensativo e triste.

Para distrahir-se das suas penosas impressões, foi á noite á casa de um dos seus amigos, onde devia achar numerosa sociedade.

Sentiu-se effectivamente mais calmo no meio d'aquella gente toda: conversou, riu, folgou—porque estava no meio de eguaes—, finalmente passou uma noite agradavel.

A' ceia, bebeu dous copos de champagne—excellente remedio, como todos sabem—para quem não quer estar triste.

Sob a influencia do espumoso vinho, teve

a idéa de, antes de recolher-se á casa, ir fazer uma visita a uma senhora allemã, Carolina Ivanowna, com quem intretinha estreitas relações amorosas.

E' preciso dizer que o general não era moço e que consideravam-n'o como um chefe de familia exemplar.

Dous filhos, um rapaz, que já trabalhava na administração, e uma rapariga de deseseis annos, com o nariz chato, mas não de todo feia, iam todos os dias ao seo gabinete dar-lhe os bons dias e tomar-lhe a benção.

Sua mulher, ainda frescalhõna e bonita, dava-lhe a mão a beijar.

Julgando demasiado feliz a vida conjugal, arranjou outro ninho n'um quarteirão affastado. A mulher, a quem ia pedir um accrescimento de afeição, não era nem mais bonita nem mais moça que sua esposa, mas... succede sempre assim....

(Continúa)

PUBLICAÇÕES A PEDIDO

Circular

Ao corpo eleitoral do 2.º districto da provincia de Santa Catharina

Illm. Sr.—Sou candidato á deputação geral, pelo districto do sul, onde tenho parentes e prestimosos amigos, no numero dos quaes apr. z-me contar a pessoa de v. s.

Se insisto em pretender um lugar na representação nacional, da qual tive a honra de fazer parte por tres vezes, graças á generosidade dos meus dignos comprovincianos, é pela consciencia que tenho de haver desempenhado bem o meu mandato, esforçando-me, com a maxima dedicação e nos acanhados limites da minha intelligencia, em promover os legitimos interesses da provincia em que nasci, e na qual ainda conto pessoas que me são caras.

A antiga questão de limites com a provincia do Paraná, a da estrada de ferro de D. Pedro I, e outras, das quaes depende igualmente o futuro de Santa Catharina, encontrarão sempre em mim o mais decidido e sincero acolhimento; e tanto é certo que interessei-me ardentemente pela prompta solução dellas, ora na tribuna, ora na imprensa, que algumas illustres camaras municipaes, como as de São José e Lages, dirigiram-me por isso gratas e honrosas felicitações, de que os jornaes da provincia deram noticia na occasião propria.

Em nome, pois, desses pequenos serviços, e das ideias politicas que sempre professei, ouso ainda uma vez invocar o valioso auxilio de v. s., solicitando-lhe sedigne honrar-me com o seu esclarecido e consciencioso voto, nas proximas eleições geraes.

A nova lei eleitoral, creando o voto directo no paiz, teve em vista dar ao povo mais liberdade na escolha de seus representantes, tornando-o independente de qualquer influencia externa; consequentemente, cada cidadão póde hoje escolher livremente a pessoa que julgar mais idonea, entre os diferentes candidatos ao mandato popular.

E como v. s., na qualidade de correligionario e amigo, muitas vezes me tem dado provas de distincção, espero não deixará de attender a este meu pedido, pelo qual desde já me confesso agradecido.

Aproveito o ensejo para reiterar-lhe os meus protestos de estima e consideração, por ser

De v. s.

Att.º ven.º am.º cr.º e obr.º

Dr. Francisco Carlos da Luz.

Córte, 17 de Março de 1881.

Transcrição pedida

Ministerio dos negocios do imperio—1.ª directoria.—Rio de Janeiro, em 27 de Março de 1881.

Illm. e Exm. Sr.—Resolvendo a consulta de juiz de direito da comarca Christina, em Minas Geraes, á qual refere-se o aviso que v. s. dignou-se expedir-me em 11 do corrente mez, tenho a honra de declarar a v. ex.:

Que a lei n. 3029 de 9 de Janeiro ultimo e instruccões de 29 do dito mez, quando dispensaram da prova da renda e da idade os delegados e subdelegados de policia, para o fim de serem elles inscriptos no registro dos eleitores, presumiram que as nomeações para estes cargos recahiriam em pessoas que offerecessem os requisitos para eleitor, a saber: o gozo de renda liquida annual não inferior a 200\$, e a idade de 25 annos, ou a de 21 sendo o cidadão nomeado casado ou official militar, *ex vi* dos arts. 26 e 27 do regulamento n. 120 de 31 de Janeiro de 1842, combinados com os arts. 18 e 54 da lei n. 387 de 19 de Agosto de 1849:

Que, portanto, si ao magistrado encarregado do alistamento eleitoral fôr apresentado documento legal que prove plenamente a falta de qualquer dos requisitos indicados, ou a de ambos, em relação ao delegado ou subdelegado que pretende alistar-se e o requer nos termos do art. 58 das citadas instruccões, não póde este funcionario ser admittido á inscripção no alistamento eleitoral, visto que nesta hypothese fica destruida a presumpção legal da existencia dos ditos requisitos.

Deus guarde a v. ex.—Barão Homem de Mello.—A s. ex. o sr. Manoel Pinto de Souza Dantas.

Embirro...

...com os namorados que cavaquearão e mimigo porque lhes puz as delicadezas á mestra...

×

...com as provincias que têm de dar somente dous deputados e que apresentam trinta candidatos...

×

...com certos padres que andão á noite de braço dado com as suas *ellas*...

×

...com certos *typos* que paparroteam mundos e fundos e caloteão as typographias...

×

...com os ditos que dizem saber mais historia do que a mesma historia e que pensão que a Inglaterra é republica...

×

...com os rapazes vagabundos que não encontram uma maca disponivel na barca S. Francisco...

×

...com os homens que servem de ama secca das creanças...

×

...com os linguinhas de prata que vivem a fallar mal de todo mundo, e fazem como o macaco—nunca olham para o seu rabo...

×

...com os ditos que fallão da vida alheia para encobrirem as mazellas da sua...

Calmito.

DECLARAÇÕES

EMPRESA CATHARINENSE

DE

CARRIS URBANOS

O concessionario d'esta linha, tendo resolvido realizal-a por meio de uma companhia, convida aos srs. possuidores de Titulos de Contribuição da empresa acima, assim como a todo o commercio d'esta capital para se reunirem no dia 25 do corrente pelas 11 horas da manhã, no Club Terpsychore, á rua Augusta, afim de se organisar a referida companhia.

Desterro, 23 de Março del 881. —Polydoro de Santhiago.

ANNUNCIOS

VENDE-SE

uma casa na rua de S. Sebastião, com bons commodos para banhos; para tractar com sua proprietaria—*Maria Joaquina d'Azevedo*.

VENDE-SE

barato um moinho e um torrador com pouco uzo, Rua do Tenente Silveira n. 30

MACHINA DE MÃO

DE FAZER

Agua gazosa

até 250 duzias de garrafas por dia
informações em casa de

H. W. FISON & C.

30 RUA DO PRINCIPE 30

TELHA

de superior qualidade, da principal fabrica de Paranaguá, ao preço baixissimo de 62\$000 rs. ao milheiro, no armazem de João Baptista Bernison Junior, á rua do Principe n. 76.

Continua a vender café moido de superior qualidade aos seguintes preços ja annunciado:

Porção de 8 kilos a.....	800 reis
Varejo de 1 kilo a.....	860 »
« de ½ kilo a.....	440 »
« de 250 grammas.....	240 »

Aproveitem a pechincha

E' VENDER BARATO !!!

Café moido superior a.....	800 o kilo
Café em grão a.....	500 »
Fumo picado Rio-Novo a....	2\$500 »
Fumo em corda a.....	2\$200 »

NO ARMAZEM DE

Ricardo Barboza & C.

Typ. Commercial, — rua da Constituição